

## **A construção de modelos educativos na Antiguidade: pais e mães das *Histórias* de Heródoto**

CARMEN ISABEL LEAL SOARES

*Universidade de Coimbra*

**Abstract:** Based on episodes that portray formative situations bearing on the relationship between parents and children, we seek to evaluate essential topics pertaining to the theme of education in the *Histories*. This study aims to deal with the following questions: are fatherly and motherly models always different or do they resemble when it comes to some values and attitudes? Does the author limit his presentation to constructive *exempla* or does he also focus on reproachable types? Are patterns of behaviour directly related to the cultural origin of individuals? In other words, is being Greek or Barbarian an essential condition determining distinct portraits of fathers and mothers?

**Keywords:** fathers; mothers; children; education; *philia*; death; infanticide.

Compostas para um destinatário grego, reflectindo sobre a temática do(s) retrato(s) da alteridade, as *Histórias* propiciam, ainda presente-mente, um estimulante debate sobre antíteses culturais da mais variada ordem. A perspectiva que procuraremos abordar não incide no tradi-cional, e abundantemente testemunhado pelo historiador, confronto entre realidades díspares — a dos Helenos *vs.* a dos Bárbaros. A nossa inter-rogação coloca-se para um domínio da vivência humana em que, inde-pendentemente da origem do indivíduo, se verifica uma dualidade, mais ou menos antitética, de formas de pensar e agir: a educação dos filhos. Tal como hoje, ser homem ou mulher, pai ou mãe, não era indiferente nem para os Gregos nem para os ‘Outros’ — todos os que não comun-gavam da cultura helénica. Comunidades com uma nítida distinção entre as competências sociais dos dois sexos derivam de e produzem códigos ético-comportamentais distintos. A formação de uma criança ou jovem assenta nos valores que lhe são incutidos pelos seus mais directos educadores, os pais. O sucesso dessa tarefa depende, pelo menos em grande medida, dos exemplos de vida dos progenitores. Sobre este tema

---

Texto recebido em 29.06.2007 e aceite em 16.07.2007.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 10 (2008) 9-24 — ISSN: 0874-5498

da educação *per exemplum*, a obra de Heródoto oferece matéria para vasta reflexão. No entanto, por uma questão de exequibilidade do actual estudo, estabelecemos uma delimitação de princípio: considerar apenas as situações formativas que dizem respeito ao relacionamento entre pais e filhos. Assim, o nosso objectivo consistirá, neste momento, em apresentar de forma sintética algumas das que nos parecem ser as linhas centrais do assunto.

Para chegarmos a uma avaliação de tópicos essenciais ao tema da educação nas *Histórias*, partimos de uma série de perguntas: os modelos paternos e maternos são sempre diferentes ou convergem em determinados valores e/ou atitudes? O Autor apresenta apenas *exempla* construtivos ou também ilustra tipos a rejeitar? Os comportamentos têm uma relação directa com a origem cultural dos indivíduos? Ou seja, ser Grego ou Bárbaro determina retratos de mães e pais forçosamente distintos?

Em resposta a estas questões, estruturaremos a nossa análise segundo os valores/atitudes, indiferentemente do sexo e da cultura dos indivíduos. As situações de crise, que envolvem o risco de morte da descendência, afiguram-se-nos, neste contexto, as mais significativas. Em todos esses episódios, a encenação do drama depende de um jogo de forças idêntico: a vida dos filhos depende sempre de um poder superior ao paterno ou materno. As motivações e o resultado dos esforços para contrariar semelhante vantagem é que variam. Assim, tanto pais como mães, quando confrontados com a morte iminente de filhos, assumem-se como seus protectores/salvadores. O desígnio de subtrair à morte o ente querido fracassa na mão dos pais, mas é bem sucedido na das mães. Não nos parece, não obstante a evidência acabada de enunciar, ser defensável que Heródoto condicionou o desenvolvimento dos episódios em apreço a preconceitos do tipo: enquanto elemento do casal que dá à luz, a mulher só pode agir com sucesso na salvação dos filhos. A actuação da esposa do faraó Sesóstris (2. 107), como veremos mais adiante, contraria mesmo tal leitura. Se Cresos da Lídia não consegue evitar a morte de Átis (1. 34-41), nem Eobazo (4. 84) e Pítio (7. 38-39) a de um dos seus filhos

é por razões que nada têm a ver com o seu sexo. Contudo, quando confrontado com as salvação conseguidas por Labda de Corinto (5 92 δ) e pela mulher do boieiro Mitradates (1.112-113), o público das *Histórias* não deixa de construir padrões de agir distintos para pais e mães.

Comecemos pelo monarca lídio. A insolência de se considerar *o mais feliz de todos os homens* (1. 34, 1), contra as provas em sentido contrário apresentadas pelo sábio Ateniense, Sólon (1. 30-33), leva Cresos ao pagamento da mais elevada factura. Vãos foram os esforços para lutar contra as determinações inflexíveis da *tyche*. O destino não se ilude com manobras ingénuas. Impedir o filho de tocar em armas, mandar escondê-las da sua vista foram as primeiras medidas tomadas para evitar a morte que os sonhos lhe anunciavam: o trespassse pela ponta de um ferro. Afastado da guerra, confinado às exigências domésticas de um casamento recente, Átis parecia não correr perigo. E mesmo quando, persuadido pelos argumentos desse filho, atingido na sua virilidade pela privação da prática do combate e da caça, Cresos o autorizar a pegar de novo em armas, há dois factores que o tranquilizam. Um javali, o animal a abater, não possui a malfadada ponta de ferro. A protecção que habitualmente lhe dá em casa ficaria assegurada através de uma terceira pessoa, um hóspede com uma dívida de gratidão por cumprir. Atingido, no entanto, de forma fatal pelo dardo que o seu protector destinava à fera, Átis acabará por morrer. Cumpre-se o fado. Do ponto de vista que nos interessa sublinhar, o de pai, Cresos esforçou-se por preservar a vida do filho, respeitando o comportamento exigido pelo código de valores da *philia* paterna<sup>1</sup>. Mas o soberano possuía um outro descendente, que, por ser surdo-mudo de nascença, nada significava para ele (1. 38, 2). O repúdio de descendência imperfeita era uma prática habitual, mas não universalmente

---

<sup>1</sup> Sobre a noção de *philia*, tradicionalmente traduzida por ‘amizade’, indicamos apenas alguns títulos bibliográficos de referência: F. Oliveira, “O conceito de *filia* de Homero a Aristóteles”: *Humanitas* 25-26 (1973-74) 217-35; M. Scott, “*Philos, philotês and xenia*”: *AC* 25 (1982) 1-19; M. W. Blundell, *Helping friends and harming enemies. A study in Sophocles and Greek ethics* (Cambridge 1989); D. Konstan, *Friendship in the classical world* (Cambridge 1997) e “Reciprocity and friendship”: G. Gill *et alii*, eds., *Reciprocity in ancient Greece* (Oxford 1998) 279-301.

aceite. De facto a história narrada por Heródoto, da salvação de Cresos por intervenção do filho inepto, é um exemplo literário, discreto é certo, da necessidade de reequacionar o papel dessas pessoas na sociedade. Demonstra, pois, o destino de Cresos que um pai não deve discriminar o afecto pelos filhos com base em critérios de natureza física.

Consideremos ainda outras duas circunstâncias em que os pais se preocupam em salvar toda a progénie ou, na impossibilidade de cumprir semelhante desejo, tentam assegurar pelo menos a vida de um filho. Por ocasião de mobilização geral dos homens para a guerra, dois súbditos dos monarcas persas Dario e Xerxes solicitam junto do seu senhor a isenção de combater para um jovem. Mais cruel na sua deliberação, Dario manda imolar os três filhos de Eobazo, destruindo as falsas expectativas inicialmente criadas no suplicante (4. 84). Na verdade, prometera deixá-los na Pérsia, o que cumpriu, pois estes, apesar de sem vida, permaneceram em solo pátrio. Não há, neste passo, quaisquer indicações dos motivos que levaram o pai a interceder apenas pela vida de um filho, quando possuía três. Para além da razão óbvia do maior grau de probabilidade de sucesso de uma súplica mais modesta ser atendida, outras haveria por certo. O episódio que conta a desventura de Pítio revela-se, neste domínio, mais rico em informações. De idade avançada, o antigo hóspede da casa real persa procurou suscitar a benevolência de Xerxes por uma via diversa da de Eobazo. Apelando à compaixão pela sua situação pessoal (a de ancião na iminência de total desamparo, devido à integração dos seus cinco filhos nas falanges do rei), Pítio pede a desmobilização do filho primogénito, natural sucessor e, ao que se deduz das indignadas palavras de Xerxes, o seu favorito (7. 39, 2). Nem uma palavra sobre o afecto pelos filhos, sobre a tragédia da morte na flor da idade. Envoltos num contexto de guerra e dirigidos ao chefe supremo do exército, quaisquer argumentos de misericórdia pela vida dos seus soldados seriam encarados pelo soberano como ofensivos. A resposta dada às súplicas de Pítio evidencia a insolência de que se revestia um tal pedido, uma vez que o próprio Xerxes, não obstante o estatuto de senhor dos outros, partia para a luta — ou seja para uma eventual morte —

acompanhado não só pelos filhos, mas também por irmãos e outros familiares.

Quer por intervenção pessoal (Eobazo e Pítio) quer indirecta (Creso), nenhum dos pais acabados de considerar é bem sucedido na salvação dos filhos em risco. Sorte diferente têm filhos que contam com a aliança materna. Não todos, é certo! Analisemos, antes de mais, precisamente estes.

O já aludido caso dos filhos do faraó Sesóstris (2. 107) ilustra bem situações-tipo, isto é, que se repetem nas *Histórias*: a da mulher/mãe engenhosa, a dos progenitores salvadores e filicidas e a da luta pelo acesso ao poder, causa de atentado contra a vida de infantes, potenciais rivais do homicida. Ausente em campanha, Sesóstris vira-se forçado a deixar o governo do Egipto confiado ao irmão. A ambição deste, porém, levou-o a pôr em prática um plano de eliminação de toda a família do legítimo suserano: queimá-la viva no interior de uma casa. Traído de forma inesperada, numa situação de crise aguda — a morte iminente — Sesóstris toma conselho junto da mulher. Tal como sucede em muitos outros passos, o elemento feminino aparece com um nítido ascendente intelectual sobre o masculino<sup>2</sup>. Cabe à mãe conceber o plano de salvação do marido e de apenas quatro dos seis filhos que possuía, uma vez que os outros dois serviram de passadiço colocado sobre o brasido que rodeava a casa em chamas. No entanto a motivação destas mortes, sublinhe-se, é de natureza altruísta, factor que, de alguma forma, retira ao filicídio os contornos de crime hediondo. De reter também a expressão clara de uma aliança de esforços maternos e paternos, cabendo à mãe conceber o plano e ao pai tomar a deliberação de executá-lo, nítida distinção dos papéis diversos reconhecidos a cada um dos educadores.

---

<sup>2</sup> Os mais célebres exemplos deste tipo de situação são os casos da esposa de Candaules, da rainha Masságeta, Tómiris, de Artemísia de Halicarnasso, conselheira militar de Xerxes e de Amétris, esposa deste mesmo soberano. Sobre o papel da mulher nas *Histórias*, cf.: A. Tourraix, “La femme et le pouvoir chez Hérodote. Essai d’ histoire des mentalités antiques”: *DHA* 21 (1976) 369-389; A. L. Amaral, *Mulheres-rainhas em Heródoto* (Dissertação de Mestrado em Literaturas Clássicas, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992).

Na mesma linha de construção narrativa insere-se o episódio da salvação de Ciro recém-nascido, futuro rei dos Medo-Persas (1. 111-113). Atemorizado por uma possível usurpação do trono, anunciada em sonhos (1. 107), Astíages, senhor da Média e avô de Ciro, ordena a exposição do bebé às feras<sup>3</sup>. A boa estrela do infante quis, no entanto, que não fosse essa a sua sorte<sup>4</sup>. Entregue por Hárpago, homem de confiança do monarca, às mãos de um boieiro, o filho de Mandane escapou à morte graças à sábia intervenção da que veio a ser a sua mãe adoptiva, a esposa do referido boieiro. Desta feita trata-se de uma inteligência astuta, materializada no dolo da substituição de Ciro pelo seu filho nado-morto. Vestido com os atavios reais, o bebé do humilde Mitradates passava na perfeição pela criança condenada. Executar o plano delineado pela mulher oferecia, julgamos nós, ao boieiro a vantagem acrescida de prover a sua casa de descendência e de impedir que incorresse no crime reprovável de matar um inocente (1. 112, 3)<sup>5</sup>.

Ao embuste terá igualmente que recorrer uma mãe grega, Labda de Corinto, para salvar a vida do seu filho, o anunciado usurpador do poder da cidade. Temendo o cumprimento do oráculo, a família da progenitora, os Baquíadas, delibera a morte à nascença do futuro governante, Cípselo (5. 92 β)<sup>6</sup>. Tal como sucedera na empresa de Cresos para preservar a vida

---

<sup>3</sup> A propósito da infância de Ciro, leia-se: A. Cizek, "From the historical truth to the literary convention: the life of Cyrus the Great viewed by Herodotus, Ctesias and Xenophon": *AC* 44. 2 (1975) 531-552.

<sup>4</sup> Como dirá Astíages ao neto, no momento do seu reconhecimento no filho do boieiro: *é graças ao teu destino que te encontras vivo* (1. 121).

<sup>5</sup> Tivemos já oportunidade de analisar em detalhe o motivo do infante protegido pelos deuses, mas que, abandonado à nascença, passa por uma série de peripécias até se cumprir o seu destino, regra geral a governação. As figuras que nas *Histórias* dão corpo a este tema comum aos registos lendários de numerosos povos são Ciro e Cípselo de Corinto (considerado de seguida). Para um estudo comparativo e mais pormenorizado da infância destes dois governantes, vd. C. Soares, *A morte em Heródoto. Valores universais e particularismos étnicos*, col. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia (Lisboa 2003).

<sup>6</sup> Sobre a figura de Cípselo, cf.: S. I. Oost, "Cypselus the Bacchiad": *CP* 67 (1972) 10-30. Quanto ao significado sócio-económico da prática do infanticídio na Grécia antiga, vd.: C. Patterson, " 'Not worth the rearing': the causes of infant

de Átis, também aqui a *tyche* comanda os destinos humanos. Contemporânea da obra de Heródoto, a tragédia grega do séc. V a. C. tinha como ingrediente obrigatório do *pathos* dramático a determinação inflexível do Destino. Certamente inspirado pelo universo da dramaturgia sua contemporânea, o historiador deixa transparecer nos enredos das vidas de muitos dos seus maiores protagonistas (Creso, Astíages, Ciro, Cambises, Dario, Xerxes, Cípselo e Periandro) marcadores da mundividência do género trágico<sup>7</sup>. De acordo com o código ético-poético em causa, os mortais, se bem que subjugados aos deuses e à Moira, não se reduzem, porém, ao papel de espectadores passivos do teatro da vida humana. Há os que lutam inutilmente contra as decisões do fado — como Creso, pela salvação de Átis — e os que — como Labda — contam com a colaboração da ‘Sorte dos deuses’ (*theia tyche*, 5. 92 γ 3). Num primeiro momento foi esta o agente da salvação de Cípselo, uma vez que, com um sorriso inesperado, a criança desarmou o algoz dos seus propósitos. Quebrando o pacto anteriormente firmado com os restantes membros da pseudo-embaixada de felicitações aos pais do infante, o visitante que primeiro segurou nos braços o menino não o lançou de imediato ao chão. Já no exterior da casa, os dez enviados acusam-se mutuamente do fracasso da missão, decidindo voltar atrás para terminar o serviço. É então que a progenitora, astuta-mente colocada à escuta, arquitecta a forma de ludibriar os assassinos. Escondendo o filho no sítio mais improvável de ser encontrado, uma colmeia desactivada, que se julga ladeada por outras em funcionamento, Labda contribui para o sucesso que o destino reservava ao seu rebento<sup>8</sup>. Diferentemente do sucedido com Ciro, na

---

exposure in Ancient Greece”: *TAPA* 115 (1985) 113-121; M. Golden, *Children and childhood in classical Athens* (Baltimore 1990) 86-89.

<sup>7</sup> Sobre a influência do texto dramático nas *Histórias*, vd.: F. W. Walbank, “History and tragedy”: *Historia* 9 (1960) 216-234; D. Grene, “Herodotus: the historian as dramatist”: *JPh* 58. 18 (1961) 477-488; K. H. Waters, “The purpose of dramatisation in Herodotus”: *Historia* 15 (1966) 157-171.

<sup>8</sup> O local escolhido pela mãe para ocultar o filho, identificado em grego como *kypsele*, tem sido objecto de várias interpretações, parecendo-nos a mais sugestiva a de tratar-se de uma colmeia, conforme defende G. Roux, “*KΥΨΕΛΗ*. Où avait-on caché le petit Kypsélos (Hérodote V, 92, E)”: *REA* 65 (1963) 279-289.

presente situação coube em exclusivo à mãe a elaboração e a execução do plano de salvamento do recém-nascido em perigo.

Com o modelo do progenitor-salvador mal sucedido prende-se a atitude de vingança. O assassinio de um filho desperta, tanto na figura paterna como na materna, a mais profunda mágoa, justificativa mesmo de cruéis ajustes de contas. Do lado bárbaro é a rainha viúva dos Masságetas quem protagoniza a aviltante humilhação do responsável pela morte do seu filho (1.212-214). Coberto de vergonha, devido à captura por Ciro do seu contingente embriagado, o príncipe Espargápises tomara a única decisão honrosa à luz do código guerreiro: suicidar-se<sup>9</sup>. Tómiris aos títulos de suserana poderosa, estratégia excelente e combatente exímia soma o de mãe vingativa. Derrotados os Persas na mais violenta das batalhas travadas entre Bárbaros (1.214, 1), a rainha presta homenagem à memória do filho, ultrajando o cadáver do inimigo através da imersão da sua cabeça num odre de sangue. Por ser viúva, Tómiris está de alguma forma constringida a somar ao seu tradicional papel de referência materna o de referência paterna. Claro que para o destinatário grego das *Histórias*, se juntarmos a essa contingência o facto de pertencer a uma das etnias bárbaras mais primitivas, a dos Masságetas, mais verosímil se torna este retrato de mãe, vingadora implacável<sup>10</sup>.

O padrão social helénico não reconhece à mãe um tal poder, que mais a aproxima do código masculino do que do feminino. É certo que Tómiris não é um exemplo de uma mãe comum, nem mesmo Bárbara. Contudo era no seio de uma comunidade não grega que ainda se podiam encontrar mulheres guerreiras, descendentes das Amazonas, as Saurómatas (4. 110-117). Era também do conhecimento do público contemporâneo de Heródoto que, no âmbito do mito e da literatura trágica, figuravam mães portentosas, basta lembrar uma Clitemnestra (Grega)

---

<sup>9</sup> Vd. A. J. L. van Hooff: “espera-se que um chefe, se for derrotado, ponha termo à vida” (*From autothanasia to suicide. Self-killing in classical antiquity*, London 1990, 108).

<sup>10</sup> A propósito da mulher bárbara, leia-se: M. Rosellini et S. Saïd, “Usages des femmes et autres *nomoi* chez les ‘sauvages’ d’ Hérodote: essai de lecture structurale”: *ASNP* 8. 3 (1978) 949-1005.

e uma Hécuba (Troiana). Heródoto, através do retrato de Feretima de Cirene, demonstra ainda que, mesmo ao nível da realidade histórica, não há uma distinção absoluta entre uma soberana bárbara e uma grega. É verdade que Feretima vê recusado o pedido de oferta de um exército, solicitado ao tirano de Salamina de Chipre. Quem lhe vai proporcionar os meios para tirar desforço armado do assassino do filho é um Persa. Semelhante colaboração, para além de proporcionar ao Bárbaro o pretexto para atacar mais uma população grega, não provoca nenhuma fricção com o código social feminino do seu país. Como anota Heródoto já para o final da sua obra, a oferta de um exército a uma mulher constitui um presente tipicamente persa (9. 109, 3). Aliás, a saga da vingança da mãe do ex-tirano da colónia grega norte-africana remata com a confirmação do que poderíamos chamar de “barbarização” da personagem feminina. Tomada a cidade do sogro, Barca, Feretima assume a deliberação do castigo a aplicar aos responsáveis pela morte do filho: empalar os corpos e cortar os seios das suas esposas, guarnecendo com eles as muralhas. Por outra referência nas *Histórias*, sabemos que tais práticas eram tidas não só como próprias de Bárbaros, mas até mesmo censuradas pelos Gregos<sup>11</sup>.

Contudo, há situações em que o ascendente político-social do homicida sobre o pai do jovem morto leva a que a vingança chegue por vias mais diplomáticas. Braço direito de Astíages, um soberano capaz de mandar executar o próprio neto, Hárpagos procura incutir no seu filho um valor indispensável a uma boa posição na corte: a obediência (1. 119, 2). Ao receptor das *Histórias* não passa despercebida a incongruência entre as palavras deste pai e as suas acções. Ele, que não cumprira a promessa feita ao seu senhor de aniquilar Ciro, procura agora redimir-se da falta cometida. No desejo de desfazer eventuais dúvidas que ainda pairassem

---

<sup>11</sup> Em 4. 43 indica-se a empalação como o castigo recebido por um sobrinho de Dario, punido desta forma pelo seu crime de violação de uma nobre persa. Também Polícrates, tirano de Samos, será morto e empalado por um persa, Oretes (3. 125, 3). Quanto à condenação da prática de empalar os vencidos, leiam-se as seguintes palavras do general Pausânias: *Semelhante comportamento convém mais a Bárbaros do que a Gregos; todavia, mesmo àqueles, censuramo-lo* (9. 79, 1).

no espírito de Astíages quanto à sua fidelidade, não hesita, antes se regozija, em satisfazer-lhe uma nova exigência. De facto envia-lhe o único descendente que tinha, confiante, incapaz de questionar, como fizera anteriormente, as intenções que se escondiam por detrás de semelhante pedido. Dando uma vez mais provas da sua crueldade, o rei da Média manda esquarterar e cozinhar as carnes do jovem, servindo-as num banquete ao próprio pai<sup>12</sup>. Revelada a composição do menu, Hárpago retira-se, colocando, uma vez mais, a máscara da hipocrisia: jura obediência aos desígnios do monarca, sem demonstrar o mínimo sinal de perturbação. A passividade do Medo é, no entanto, falsa, produto de uma estratégia pensada. Para se vingar do homicida do filho, seu senhor absoluto, não podia mostrar-se hostil. Havia que ganhar a confiança necessária para poder pôr em prática um plano eficaz de punição. À galeria das mães inteligentes e vingativas — como Tómiris e Feretima — soma-se a de um pai com iguais atributos. A maior vingança que poderia alcançar seria retirar a Astíages o seu mais querido tesouro, a governação. Firmando a ocultas uma aliança com Ciro, ajuda este último a conquistar o território do avô, contribuindo, assim, para o cumprimento do Fado, que fazia do príncipe senhor incontestável de Medos e Persas (1. 123-129). Em suma, a lição que Hárpago transmite é a seguinte: a obediência à autoridade é um princípio basilar, mas admite transgressões, desde que moralmente justificadas.

Também os filhos devem, em princípio, obedecer às ordens dos pais, que são, aliás, a primeira referência de autoridade nas suas vidas. Assim se comporta a filha do faraó Rampsínito, aceitando sem qualquer discussão prostituir-se, até ouvir do parceiro a confissão de ser o ladrão

---

<sup>12</sup> Este episódio corresponde à transposição para o ambiente bárbaro de um *mythos* célebre da cultura grega, o conhecido “Festim de Tiestes”. Sobre o significado mítico-religioso do tema, cf. W. Burkert, *Homo necans. The anthropology of ancient Greek sacrificial ritual and myth* (trad. ing., Berkeley 1983) 103-109. Quanto ao aproveitamento literário de que foi alvo, cf. M. Halm-Tisserant, *Cannibalisme et immortalité. L’ enfant dans le chaudron en Grèce ancienne* (Paris 1993) 89-101; L. N. Ferreira, *Sacrifícios de crianças em Eurípides* (Dissertação de Mestrado em Literaturas Clássicas, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1996) 7-19.

do tesouro real. Aliás, relatar o feito mais inteligente e ímpio era a única condição para os frequentadores do bordel poderem desfrutar do corpo da princesa. O texto grego, no que toca à atitude da jovem, é claro: trata-se de ordens (*tà prostachthénta*) que se limita a executar (*poiéein*, 2. 121 ε 3). Embora não aceite pela moral grega, o comércio do corpo de mulheres livres é uma prática que, em vários passos da obra, Heródoto deixa perceber como característica da alteridade do Bárbaro<sup>13</sup>.

Nem sempre, contudo, um descendente é tão submisso como a filha de Rampsínito. Magoado com o homicídio de uma das pessoas que, provavelmente, mais amava, a mãe, Lícofron de Corinto corta relações com o responsável pelo crime, o pai (3. 50). A forma como Periandro reage ao mutismo e total indiferença do filho espelha o perfil de um progenitor autoritário, incapaz de assumir uma atitude afectiva. Essa incapacidade percebe-se pelo facto de ser apenas com argumentos e razões de natureza político-social que empreende esforços sucessivos para reconduzir ao lar Lícofron. A expulsão por si decretada não passara de uma reacção impulsiva ao alheamento deliberado do jovem. Porém, privado por decreto do pai e por vontade própria de todo o apoio de conhecidos e amigos, Lícofron em breve se vê reduzido à condição miserável de mendigo. Esta pareceu ao tirano de Corinto a ocasião perfeita para chamar o filho à “sua” razão. Bastava-lhe submeter-se à vontade do pai. E, em troca, receberia o quê? O poder e o património paternos. Estes são os valores, exclusivamente materiais, que Periandro pode oferecer ao filho. Fracassada uma primeira aproximação, só a velhice levará o tirano a uma nova tentativa de reconciliação. As palavras que lhe atribui Heródoto não escondem quaisquer laivos de arrependimento, o que significaria uma revisão dos valores comungados por este pai. Acima de

---

<sup>13</sup> Vejam-se os casos das raparigas lídias solteiras, obrigadas a prostituírem-se para angariarem o próprio dote (1. 93, 4 e 94, 1), o das Líbias Gindanes (cujo mérito era avaliado pelo número de homens que as possuíram, 4. 176), o uso da partilha comunitária dos serviços sexuais das mulheres entre os Masságetas (1. 216, 1), os Agatirsos (4. 104) e os Nasamões (4. 172, 2) e a prostituição sagrada, praticada na Babilónia (que consistia em que todas as mulheres tivessem de vender o seu corpo, uma vez na vida, no interior do templo da deusa do amor, Milita, entregando à divindade o soldo obtido, 4. 199).

tudo, Periandro mantém-se inflexível até ao fim, uma vez que o motivo que o leva a trazer o filho a Corinto é de natureza política e não emotiva, i. e., resume-se à sua incapacidade para continuar a *controlar e a administrar os assuntos do estado* (3. 53, 1). À imagem do sucedido com outros pais bárbaros acima mencionados — Creso, Hárpago, Eobazo e Pítio — também este Grego acaba por perder o filho em quem depositava todas as esperanças<sup>14</sup>. Depois de duas tentativas fracassadas para trazer de novo o filho à pátria, Periandro consegue o seu consentimento mediante o respeito de uma condição. Bastava-lhe trocar de cidade com ele. Passando o velho tirano a viver em Corcira, o jovem herdeiro acedia regressar a Corinto, uma vez que cumpria a promessa feita a si próprio de nunca mais ver o pai. Contudo, também este derradeiro esforço de Periandro haveria de fracassar, pois, de acordo com uma linha de pensamento comum às *Histórias* e à tragédia, aquele que se excede, i. e., que incorre em *hybris*, acaba por ser punido pelas suas infracções. Nalguns casos, como o presente, cabe à descendência pagar com a vida a culpa dos progenitores. Como se lê em 3. 53, 7, *só que o povo de Corcira, que estava por dentro do assunto, para evitar que Periandro se instalasse na ilha, matou o moço*<sup>15</sup>.

Para o fim do nosso estudo guardámos um episódio que harmoniza o conflito que se pode gerar entre a *philia* familiar e a política. Não raro, como vimos acima, as relações mútuas de solidariedade entre pais e filhos vêem-se comprometidas pelo apoio ou obediência de um dependente ao seu senhor. Em tais circunstâncias a perda da geração constitui para os progenitores um dano insuportável, transmitindo-se ao receptor das *Histórias* uma mensagem clara de lamento do infortúnio doméstico. O exemplo do persa Boges (3. 107) oferece a particularidade de, (pelo menos) aos olhos da mentalidade do seu povo e na opinião de Heródoto, ilustrar como o sacrifício da vida dos filhos pode ser enquadrado na glori-

---

<sup>14</sup> Tal como o rei da Lídia, o outro filho varão que possuía tinha uma enfermidade, desta feita do foro mental, que não o habilitava à governação (3. 53, 1).

<sup>15</sup> Trad. de M. F. Silva: *Heródoto. Histórias, livro 3º*. Introdução, versão do grego e notas de M. F. Silva e C. Abranches (Lisboa 1994).

ficação do pai. Realmente, conforme já vimos para o caso do príncipe Masságeta, no contexto de uma derrota militar, o código de honra do guerreiro autorizava o suicídio, evitando, dessa forma, a humilhação da captura. Diante da incapacidade de sobreviver ao cerco dos Atenenses, essa foi a via por que optou o sátrapa persa. Esgotados os víveres da cidade, ergueu uma pira, sobre a qual colocou, depois de os imolar, filhos, mulher, concubinas e criados. A unidade que em vida devia ser a família traduz-se na inseparabilidade na morte, daí que o Persa, ateadado o fogo, se lance às chamas<sup>16</sup>. O texto não deixa dúvidas quanto à motivação sócio-política deste acto. O receio de manchar a imagem de guerreiro excelente e fiel servidor do rei determinou conjuntamente a sua decisão. Boges vê-se, assim, elevado ao estatuto de herói nacional, admirado mesmo pelos seus compatriotas, conforme se depreende das palavras com que o historiador encerra o episódio: *É pois com justiça que, ainda hoje, por essa razão é elogiado pelos Persas* (7. 107, 2).

Em resposta às interrogações de abertura da nossa análise, podemos tirar várias conclusões. Heródoto, por meio dos seus retratos de pais e mães protagonistas de episódios maiores das *Histórias*, contribui para a construção, na Antiguidade, e para a percepção, no presente, de vários modelos educativos. Tanto apresenta situações de convergência de atitudes e valores paternos e maternos (protecção e salvação da vida dos filhos e vingança das suas mortes), como revela uma distinção nítida entre as competências reconhecidas a cada uma das partes (com a mãe a pensar e o pai a agir). Embora não haja no texto indicação expressa de repúdio de determinado comportamento paterno ou materno, a verdade é que o desfecho das histórias de Creso/Átis e Periandro/Lícofron ilustram que, quer do lado bárbaro quer do grego, se encontram educadores com falhas graves de carácter. A permissividade do rei lídio contrasta flagrantemente com a inflexibilidade do tirano de Corinto. Nem um pai que avalie superficialmente os problemas nem um outro obstinado em

---

<sup>16</sup> A. J. L. van Hooff inventaria vários exemplos posteriores a Heródoto de generais ou cidades inteiras que optam por um fim honroso entre as chamas, em vez da rendição vergonhosa (cf. op. cit., 57-59).

demasia parecem poder ser modelos de formação recomendáveis. Quanto à influência da origem étnica dos progenitores na sua forma de pensar e agir, verifica-se não haver contrastes de fundo em qualquer um dos sexos.

Em suma, ultrapassadas diferenças funcionais de pormenor, a mensagem que perdura é a de unidade familiar. Pais, mães e filhos constituem um todo, cujo paradigma máximo de integridade se espelha no sacrifício colectivo perpetrado pelo persa Boges. Por certo que o conteúdo trágico e a grandeza ética do quadro, ainda que pintado com as cores exóticas do universo bárbaro, permaneceram no imaginário contemporâneo da obra e hão-de perdurar no posterior como *dignum laude exemplum*.

### **Bibliografia**

- A. L. Amaral, *Mulheres-rainhas em Heródoto* (Dissertação de Mestrado em Literaturas Clássicas, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992).
- M. W. Blundell, *Helping friends and harming enemies. A study in Sophocles and Greek ethics* (Cambridge 1989).
- W. Burkert, *Homo necans. The anthropology of ancient Greek sacrificial ritual and myth* (trad. ing., Berkeley 1983).
- A. Cizek, "From the historical truth to the literary convention: the life of Cyrus the Great viewed by Herodotus, Ctesias and Xenophon": AC 44. 2 (1975) 531-552.
- L. N. Ferreira, *Sacrifícios de crianças em Eurípides* (Dissertação de Mestrado em Literaturas Clássicas, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1996).
- M. Golden, *Children and childhood in classical Athens* (Baltimore 1990).
- D. Grene, "Herodotus: the historian as dramatist": JPh 58. 18 (1961) 477-488.
- M. Halm-Tisserant, *Cannibalisme et immortalité. L' enfant dans le chaudron en Grèce ancienne* (Paris 1993).
- A. J. L. van Hooff, *From autothanasia to suicide. Self-killing in classical antiquity* (London 1990).
- D. Konstan, *Friendship in the classical world* (Cambridge 1997).

- \_\_\_\_\_ “Reciprocity and friendship”: G. Gill *et alii*, eds., *Reciprocity in ancient Greece* (Oxford 1998) 279-301.
- F. Oliveira, “O conceito de *filia* de Homero a Aristóteles”: *Humanitas* 25-26 (1973-74) 217-35.
- S. I. Oost, “Cypselus the Bacchiad”: *CP* 67 (1972) 10-30
- C. Patterson, “ ‘Not worth the rearing’: the causes of infant exposure in Ancient Greece”: *TAPA* 115 (1985) 113-121.
- M. Rosellini et S. Saïd, “Usages des femmes et autres *nomoi* chez les ‘sauvages’ d’Hérodote: essai de lecture structurale”: *ASNP* 8. 3 (1978) 949-1005.
- G. Roux, “ΚΥΨΕΛΗ. Où avait-on caché le petit Kypsélos (Hérodote V, 92, E)”: *REA* 65 (1963) 279-289.
- M. Scott, “*Philos, philotês and xenia*”: *AC* 25 (1982) 1-19.
- C. Soares, *A morte em Heródoto. Valores universais e particularismos étnicos*, col. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia (Lisboa 2003).
- A. Tourraix, “La femme et le pouvoir chez Hérodote. Essai d’ histoire des mentalités antiques”: *DHA* 21 (1976) 369-389.
- F. W. Walbank, “History and tragedy”: *Historia* 9 (1960) 216-234.
- K. H. Waters, “The purpose of dramatisation in Herodotus”: *Historia* 15 (1966) 157-171.

\* \* \* \* \*

**Resumo:** Com base em episódios que retratam situações formativas de relacionamento entre pais e filhos, busca-se uma avaliação de tópicos essenciais ao tema da educação nas *Histórias*. O presente estudo assenta na resposta às seguintes questões: os modelos paternos e maternos são sempre diferentes ou convergem em determinados valores e/ou atitudes? O Autor apresenta apenas *exempla* construtivos ou também ilustra tipos a rejeitar? Os comportamentos têm uma relação directa com a origem cultural dos indivíduos? Ou seja, ser Grego ou Bárbaro determina retratos de mães e pais forçosamente distintos?

**Palavras-chave:** pais; mães; filhos; educação; *philia*; morte; infanticídio.

**Resumen:** Basándonos en episodios que retratan situaciones formativas de relacionamiento entre padres e hijos, buscamos evaluar los tópicos primordiales del tema de la educación en las *Historias*. El presente estudio se fundamenta en la respuesta a las siguientes cuestiones: ¿son siempre diferentes los modelos paternos y maternos o convergen en determinados valores y/o actitudes? ¿Presenta el Autor tan sólo *exempla* constructivos o también ilustra paradigmas que rechazar? ¿Tienen los comportamientos una relación directa con el origen cultural de los individuos? Es decir, ¿el hecho de ser griego o bárbaro determina retratos de madres y padres forzosamente distintos?

**Palabras clave:** padres; madres, hijos; educación; *philia*; muerte; infanticidio.

**Résumé:** Nous nous appuyons sur les épisodes qui représentent la relation entre parents et enfants, pour établir les topiques essentiels au thème de l'éducation dans les *Histoires*. La présente étude repose sur la réponse aux questions suivantes: les modèles paternels et maternels sont-ils toujours différents ou convergent-ils dans certaines valeurs et/ou attitudes? L'auteur présente-t-il simplement des *exempla* constructifs ou illustre-t-il aussi de mauvais exemples? Les comportements ont-ils une relation directe avec l'origine culturelle des individus? En somme, le fait d'être Grec ou Barbare détermine-t-il forcément des portraits de mères et de pères différents?

**Mots-clé:** pères; mères; enfants; éducation; *philia*; mort; infanticide.